

CINEMA E EDUCAÇÃO

Trata-se de uma aproximação de potência pedagógica incomensurável. Quando acontece na escola e supera o formato instrumental, ela propicia o encontro do cinema com a infância e com a adolescência acentuando a intensidade do mesmo. Projetar filmes para ensinar conteúdos tem sido uma prática relativamente recorrente nas últimas décadas e ela ainda conserva alguma força, mas pensar esta como a única forma de articulação entre o cinema e educação seria minimizar suas possibilidades, cujas origens se remontam à década de 20 (DUARTE, 2002; TEIXEIRA & LOPES, 2003; FRANCO, 2004). Para Alain Bergala (2006), o cinema estabelece uma relação de alteridade com a escola, ele se situa como um estrangeiro que provoca a instituição com o ato criativo, alterando rotinas de espaço e tempo. Esse gérmen de anarquia é condição fundamental para “fazer arte” dentro e fora escola, já que o encontro entre cinema e educação pode ter como cenário diversos outros espaços (cinematecas, centros culturais, hospitais, ONGs, presídios, asilos, etc.). Embora o objetivo do cinema não seja educacional, é possível aprender, desaprender e reaprender (FRESQUET, 2009) a partir de alguma experiência do cinema (XAVIER, 1983), por mais simples que ela for (análise crítica ou criativa de filmes, exercícios de introdução à história ou à linguagem cinematográfica, leituras e releituras, produções audiovisuais). Sua potência de afetação pode atingir contundentemente aos espectadores/realizadores e continuar a ter efeitos pedagógicos, estéticos e políticos ao logo do tempo. Para Serge Daney, importante crítico de cinema, o professor deve virar um passador (*passeur*), isto é, personalizar as escolhas daquilo que quer transmitir do cinema, deve fugir de qualquer neutralidade, doando algo de si, “arriscando”, como quem arrisca sua própria vida acompanhando a quem aprende a subir uma montanha ou cruzar um rio a nado (BERGALA, 2006). Muitas biografias e entrevistas de reconhecidos cineastas apresentam o cinema como um encontro de decisiva constituição subjetiva (François Truffaut, Nelson Pereira dos Santos, Glauber Rocha, Abbas Kiarostami, etc.).

É importante multiplicar e diversificar as formas desse possível encontro: oferecer um amplo leque de filmes de diferentes épocas e gêneros, em particular desse cinema que não é fácil encontrar em locadoras ou no circuito comercial; criar cineclubes, promover

atividades para estudantes e professores nas salas de cinema e levar o cinema, através dos seus filmes, nas salas de aula, salas de espera, enfermarias ou recintos de reclusão; desenvolver propostas de exercícios, experimentações com os recursos que hoje são cada vez mais acessíveis técnica e economicamente; projetar cinema mudo no pátio, nos recreios; criar pequenas cabines nas bibliotecas... Aprender a ver cinema é aprender a ver o outro, configurar novos encontros entre o eu e o mundo. Um “outro” que vem de outros espaços e outros tempos e descobrir que existem infinitos olhares para vê-los. Aprender a ver e fazer cinema significa também sensibilizar o intelecto, restaurar o valor da memória e da imaginação, da ativação do afeto e das sensações no ato de aprender. Encorajar o fazer pressupõe ainda aproximar o professor e o estudante do artista, promover o diálogo e o encontro entre os atores da educação e do cinema para fazer emergir a arte. Quebrar as fronteiras disciplinares e institucionais e esfumar tudo o que separa a infância da arte, já que *o que inaugura a arte é o que inaugura a infância* afirma Bartolomeu (Campos de Queirós, 2010). O cinema pode ser pensado, inclusive, como um verdadeiro alimento. Como tal, ele possui alguns temperos que particularizam o seu sabor: o tempo e espaço da *dúvida*, que se renova movimentando uma busca permanente; a *criatividade* que se libera das amarras dos modos de ser legitimados socialmente; *contagiar o entusiasmo* – segundo Orson Welles, a única coisa importante que um professor pode fazer (BOGDANOVICH, 1992) –; o *faz de conta*, que anima ao espectador a assistir um filme imaginando as emoções do autor ou que ganha coragem de criar (desde um simples plano até um longa-metragem), tão natural às crianças e nem sempre possível ao adulto cheio de certezas.

O grande desafio de estreitar a relação entre o cinema e a educação é favorecer condições para uma revolução. Uma revolução coletiva de alteridade. Uma revolução pacífica, amorosa que, através do trabalho de professores, artistas e profissionais, legitime a autoria das crianças e adolescentes no ato de criação e produção cultural. Trata-se de um grupo social que ainda não tomou (tomamos) consciência de seu poder pelo número e pela força criativa. Inventar formas de aproximação do cinema e a educação dentro e fora do currículo, e inclusive dentro e fora da escola nos anima a um devaneio: o combate ao imperialismo e outras formas de hegemonia econômica e cultural. É quase impossível imaginar hoje uma criança ou adolescente não preferindo um produto da indústria cultural,

porque, de fato, não têm outras escolhas. Quem sabe não venham a ser crianças e jovens os que virem pelo avesso algumas formas de colonialismo, os que fazendo de conta que são cineastas (ou escritores, músicos, pintores, etc.) se antecipem com sua magia e sua verdade a um mundo de mentira sustentado pela lógica do capital. Partir dessa *ruína* rumo à *utopia* (BENJAMIN, 2005).

O cinema tem condições de devolver algo da infância às crianças e aos adultos que ainda acreditam que, para criar, é necessário reencontrá-la e mantê-la viva. Ele pode sensibilizar o professor para se perguntar quem é esse aluno, de onde ele vem, qual a sua cultura e o que ele sonha, para agir como um atravessador que consiga encaminhá-lo na direção dos seus sonhos (CAMPOS DE QUEIRÓS, 2010) e torná-lo protagonista de sua cultura e de seu tempo. Fazer cinema na escola, ou fora dela, é um ato político sobre tudo. É conceber a possibilidade de democratizar a produção da cultura, de promover a divergência e não o consenso homogeneizador quando não dogmático, de fazer diferente, sempre, de criar e não repetir.

Desejo que este verbete não sirva para definir e sim para buscar significados próprios, para inspirar sentidos e formatos que tenham as cores do tempo e lugar dos leitores, do sorriso e dos olhares admirados diante de tudo aquilo que sempre surpreende, porque parece novo, embora proceda de algo tão velho como o próprio mundo, quando é capturado pelas câmeras, em particular por uma criança ou por alguém que não perdeu sua capacidade de fazer de conta.

ADRIANA FRESQUET

BENJAMIN, W. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2005.

BERGALA, A. *L'hypothèse cinema. Petit traité de transmission du cinéma à l'école et ailleurs*. Paris: Petit Bibliothèque des Cahiers du Cinéma, 2006.

BOGDANOVICH, P. *Isto é Orson Welles: entrevistas*. São Paulo: Globo, 1992.

FRESQUET, A. Cinema e educação. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDR0M

CAMPOS DE QUEIROS, B. Entrevistas do Programa de Pós-Graduação em Educação a UFRJ. Belo Horizonte, *XV ENDIPE*, Espaço Bartolomeu Campos de Queirós no Café literário Dom Quixote, 23/04/2010, 10 hs. Conversando com Bartolomeu Campos de Queirós sobre literatura, cinema, infância, professor, aluno... Entrevista Adriana Fresquet (CINEAD/Laboratório de Educação, Cinema e Audiovisual, FE/UFRJ).

DUARTE, R. *Cinema & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FRESQUET, A. (Org.). *Aprender com experiências do cinema. Desaprender com imagens da educação*. Rio de Janeiro: Booklink; UFRJ, 2009.

TEIXEIRA, I. A. C.; LOPES, J. S. M. (Orgs.). *A escola vai ao cinema*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

XAVIER, I. (Org.). *A experiência do cinema*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.